

O COMÉRCIO MUNDIAL DA MANTEIGA ⁽¹⁾

Produção. — Os principais produtores da manteiga na Europa são a Rússia (antes da guerra), a Dinamarca (1.167.940 quintais métricos em 1914), a França (1.300.000 quintais em 1914, segundo cálculo), a Itália (500.000 quintais em 1914, segundo se calculou); os Países Baixos (671.978 quintais em 1912), a Grã-Bretanha (463.400 quintais, em 1907-08), a Irlanda (340.373 quintais em 1907-08, quantidade produzida só nas fábricas), e a Suécia (282.430 quintais, em 1910). A manteiga fabricada em Portugal (Continente e Ilhas Adjacentes) era calculada por 1915 em 15.000 quintais.

Na América, os maiores produtores são os Estados Unidos, Canadá e Argentina. Nos Estados Unidos, fabricam a manteiga no campo e nas fábricas. Nestas, a produção cresceu constantemente desde 1880 até 1913, em que atingiu quasi 800 milhões de libras (a libra inglesa e americana vale 453,59 gramas). A fabricação do campo ou caseira tem diminuído desde 1900, em que subiu a quasi 800 milhões de libras. O fabrico total da manteiga (produção caseira e das fábricas) elevou-se em 1909 a 7.345.506 quintais.

No Canadá, o fabrico da manteiga nas fábricas virá, com o tempo, a suplantar a produção caseira. Em 1910, a produção total montou a 814.435 quintais. A produção da Argentina em 1914 cresceu a 93.073 quintais.

A manteiga da Austrália duplicou desde 1900 a 1911, em que atingiu cerca de 953.000 quintais. Desde 1911 a 1916, desceu um tanto; em 1917, começou novamente a subir. Em 1916, a produção ascendeu a 827.669 quintais. Sucede ali o que noutras partes: a quantidade de manteiga está dependente do leite que se emprega no fabrico dos queijos e do leite em pó. Em a Nova Zelândia, a quantidade de manteiga produzida é muito inferior à da Austrália. Em 1915, quando atingiu o máximo, montou a 287.609 quintais.

Exportação. — O esquema da fig. 63 mostra que da manteiga exportada em 1913, a Europa forneceu 79,4 %; a Australásia, 16,4 %; a Argentina 1,1 %; outras regiões 3,1 %. A Dinamarca foi a nação que exportou maior quantidade de manteiga nesse ano (27,9 %); seguiram-se-lhe a Rússia com a Sibéria (23,8 %); a Holanda (11,3 %); a Austrália (10,6 %); a Suécia (6,5 %); a França (6 %); a Nova Zelândia (5,8 %); a Finlândia (3,9 %) e a Argentina (1,1 %).

(1) Cfr. «Trend of the Butter Industry in the United States and other Countries», by T. R. Pirtle. United States Department of Agriculture. Department circular 70. December, 1919. Brotéria, vol. xvii, 1919, Ser. de Vulg. — «Produção e comércio do leite, queijo e manteiga», por J. S. Tavares.

A Rússia e a Dinamarca, em 1913, forneceram cerca de metade da manteiga comprada por outros países.

A exportação da Dinamarca aumentou quasi constantemente desde 1866 até 1915, em que atingiu cerca de 104,32 milhões de quilos ou 1.043.200 quintais, o que representa a maior exportação que se conhece. Não é para admirar, vista a bondade da manteiga que é a mais fina do mundo. O maior desenvolvimento começou em 1879 com a invenção das desnatadeiras; as cooperativas de laticínios principiaram em 1882; as cooperativas na administração das fábricas tiveram começo em 1887; as estatísticas da produção do leite, em 1895; as «Lurmarke» ou marcas comerciais foram estabelecidas por lei de 1906.

Na Rússia, a exportação da manteiga cresceu notavelmente desde 1900 até 1913, em que se elevou a 780.191 quintais, de modo que, antes da guerra, ocupava o segundo lugar, logo depois da Dinamarca. A Sibéria com as suas pastagens magníficas, com o muito gado e clima propício tinha feito nos últimos anos grandes progressos na leitaria e fabrico da manteiga. Os principais mercados que compravam a manteiga russa eram o Reino Unido, a Alemanha e a Dinamarca.

A exportação da manteiga holandesa cresceu, com oscilações, desde 1870 até 1887, em que se elevou ao apogeu de perto de 78,4 milhões de quilos. Mas as muitas falsificações e a má qualidade da manteiga fizeram-lhe perder a reputação e por isso o comércio baixou rapidamente até 1893 em que a exportação foi apenas cerca de 12,24 milhões de quilos. Mas, aperfeiçoados os métodos e perseguidas as falsificações, começou novamente a subir a exportação até 1915, em que orçou por 423.440 quintais.

A exportação sueca em larga e cala principiou por 1870 e cresceu até 1896, em que chegou a 24,04 milhões de quilos; e, começando logo a baixar, conservou-se depois com oscilações variáveis. Durante o período da guerra, especialmente em 1918, a exportação reduziu-se notavelmente.

A exportação da manteiga norueguesa e italiana não merece menção especial, por muito pequena.

A exportação da Argentina aumentou desde 1900, mas o aumento foi sobretudo notável desde 1914, mórmente em 1918 em que orçou por uns 13,60 milhões de quilos. A exportação da França declinou durante os últimos 25 anos, sem embargo do aumento da produção. Vem êsse decréscimo por um lado do aumento da exportação dos queijos e do leite natural, e por outro do fabrico do leite condensado e do maior consumo doméstico da manteiga. Em 1890, a exportação cresceu a perto de 40,8 milhões de quilos; em 1915, não superou 20,41 milhões de quilos.

A Finlândia nos últimos 50 anos duplicou a exportação da manteiga, posto que com grandes fluctuações.

A exportação portuguesa em 1917 elevou-se a 155.324 quilos, no valor total de 126.851 escudos; em 1918, montou a 130.556 quilos, no valor de

114.667 esc
132.633 esc
A exp
997.182 pe
A exp
na, apesa
uns 37 m
A ex
A ex
gindo o

ca de metade da

antamente desde
quilos ou 1.043.200
pece. Não é para
mundo. O maior
esnatadeiras; as
rativas na admi-
as da produção
ram estabeleci-

nte desde 1900
antes da guer-
Sibéria com as
cio tinha feito
manteiga. Os
o Reino Uni-

lações, desde
4 milhões de
eiga fizeram
ente até 1893
quilos. Mas,
neçou nova-
440 quintais.

cresceu até
ndo logo a
e o período
távelmente.
ce menção

umento foi
ou por uns
te os últi-
e decresci-
5 leite na-
sumo do-
e 40,8 mi-

manteiga,

no valor
valor de

114.667 escudos; e em 1919 foi apenas de 76.901 quilos, no valor de 132.633 escudos.

A exportação da Espanha em 1920 subiu a 81.223 quilos, no valor de 997.182 pesetas.

A exportação da manteiga nos Estados Unidos é relativamente pequena, apesar da grande produção. A maior exportação foi em 1880 e atingiu uns 37 milhões de libras.

A exportação do Canadá não é superior à dos Estados Unidos.

A exportação da Austrália cresceu muito nos últimos 25 anos, atingindo o máximo de cerca de 102 milhões de libras ou 46,26 milhões de

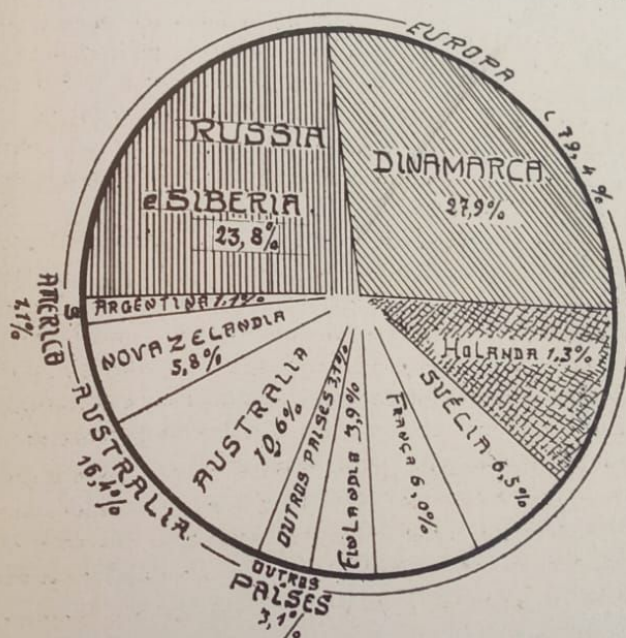


FIG. 63 — Quadro da exportação mundial da manteiga em 1913.

quilos, em 1911. As freqüentes faltas de chuvas e em particular a de 1912 a 1915 têm diminuído a produção e as exportações. Quasi toda a manteiga australiana é levada para Inglaterra.

Em a Nova Zelândia, o comércio da manteiga só começou a ter importância em 1890; desde essa data foi em crescimento, embora com oscilações, até 1918, em que a exportação subiu a uns 48 milhões de libras. Nos últimos anos porém produziu mais queijo do que manteiga.

No quadro seguinte poderá o leitor ver a exportação dos principais países, no lustro de 1913 a 1917. Nos últimos anos, verá as alternativas causadas pela guerra.

Exportação da manteiga de vaca no lustro de 1913 a 1917.
Unidade: quintal ou 100 quilos

Países	1917	1916	1915	1914	1913
Dinamarca . .	—	—	—	952:937	910:235
França	—	95:462	228:526	202:389	194:737
Grã-Bretanha e Irlanda (1)	1:198	4:444	5:345	5:544	5:535
Hespanha . . .	1:716	1:594	1:092	1:238	1:086
Itália	778	2:593	33:967	42:220	27:361
Noruega (1)	1	4:660	16:360	7:143	10:641
Países Baixos .	245:917	358:330	423:440	382:867	370:597
Rússia	—	98	541:401	539:759	780:191
Finlândia . . .	—	—	90:760	111:433	126:403
Suécia	14	130:198	188:388	190:244	195:543
Argentina . . .	98:300	56:709	46:227	34:817	37:840
Canadá (1)	22:345	36:244	15:609	12:360	5:574
Estados Unidos (1)	32:640	120:479	81:386	16:727	14:110
União Sul-Africana (1)	13:513	7:067	438	352	206
Austrália . . . (2)	341:834	(2) 81:811	(2) 245:418	—	343:832
Nova Zelândia .	—	182:192	213:442	220:515	189:115

— Onde se consome tamanha porção de manteiga exportada?

— Primeiramente na Grã-Bretanha e Irlanda, que, em tempos normais, recebem mais de 200.000 toneladas; depois, na Suíça, na China, União Sul-Africana, Egypto e em várias Colônias.

A manteiga que entra no comércio classifica-se em *fresca* ou *não salgada*, a qual se não pode transportar a grandes distâncias; *fresca acidificada* que se prepara com creme ácido, a qual se conserva muito melhor do que a precedente e por isso se pode levar a distâncias muito maiores; e *manteiga salgada* de creme acidificado, cujo comércio é mais importante, por ser artigo de maior dura do que as precedentes. Para as regiões tropicais, remetem ordinariamente a manteiga em caixas de lata, cuja maior duração depende da pasteurização, a que as submetem previamente.

Importação. — O esquema da fig. 64 apresenta ao leitor o quadro da importação mundial da manteiga, em 1913. O Reino Unido só por si importa mais manteiga (64,4 % em 1913) do que tôdas as nações juntas. Não quer isto dizer, que sejam os ingleses os que mais manteiga comem; acima

(1) Nos algarismos desta linha não entra a reexportação.

(2) Anos fiscais terminados em 30 de Junho.

deles estão os australianos e os habitantes da Nova Zelândia. A importação da manteiga no Reino Unido cresceu rapidamente desde 1850, em que subia apenas a uns 34 milhões de libras até 1910, em que se elevou a cerca de 487 milhões de libras ou 220,9 milhões de quilos. Durante a guerra, a importação teve uma baixa muito notável, pois em 1916 elevou-se apenas a uns 203 milhões de libras.

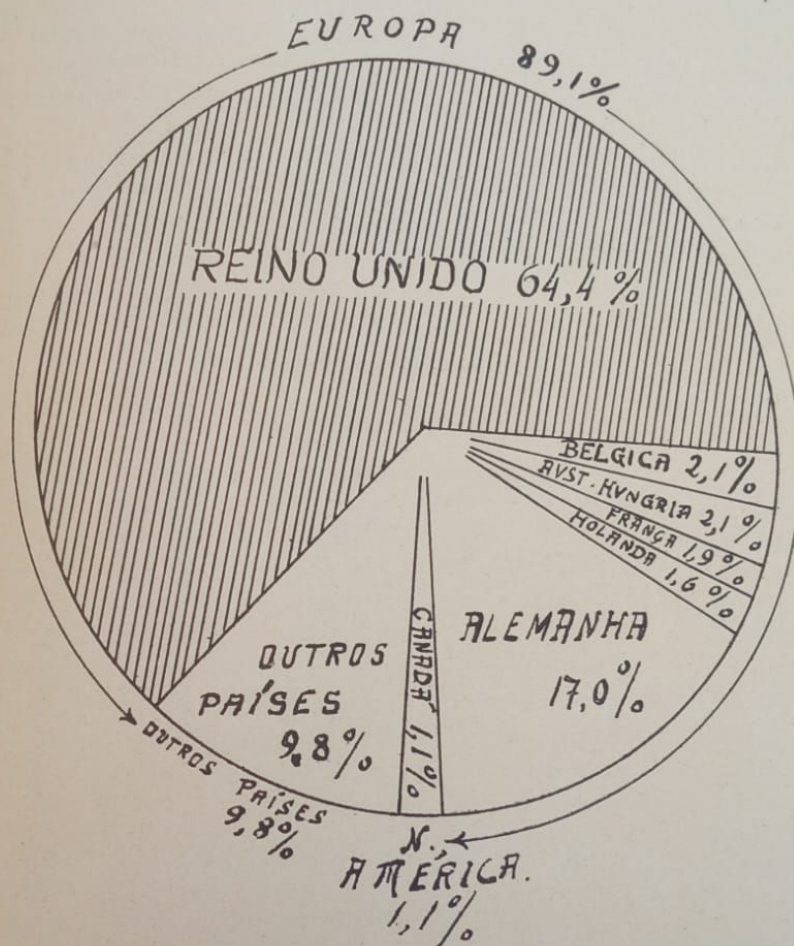


FIG. 64 -- Quadro da importação mundial da manteiga em 1913

A seguir à Inglaterra, vem a Alemanha cuja importação em 1913 foi 17 0/0 da importação mundial. A Bélgica importou 2,1 0/0, a Austria-Hungria igual quantidade; a França, 1,9 0/0; a Holanda, 1,6 0/0; o Canadá, 1,1 0/0. A Dinamarca, com ser a principal exportadora da manteiga, importa, com raro exemplo de economia, bastante manteiga de inferior qualidade e mais barata, para próprio consumo, afim de poder lucrar mais com a exportação da sua.

Consumo da manteiga. — Pelo que fica dito, já o leitor poderá fazer alguma ideia do consumo enormíssimo que se faz da manteiga na maior parte das nações. Cada australiano gasta por ano 11,566 quilos de manteiga (média de 1913); vêm depois os habitantes da Nova Zelândia com 9,752 quilos (média de 1914), por habitante; os ingleses gastam aproximadamente 8,527 quilos (média de 1906); os dinamarqueses estão a par dos ingleses (média de 1914); os Estados Unidos pouco menos gastam — 7,937 quilos (média de 1909) —; vem depois o Canadá com 7,257 quilos (média de 1910); a Noruega com 6,350 quilos (média de 1906); a Holanda com 4,989 quilos (média de 1912); a Suíça com 4,898 quilos (média de 1906); e a Itália com 1043 gramas.

Se o Reino Unido conserva os 46 milhões de habitantes que tinha em 1914 e se permanece a média de 1906, em cada ano comem-se ali cerca de 392 milhões de quilos ou 392.000 toneladas de manteiga.

DIONEL.



A catástrofe de Oppau. — Pelos telegramas publicados nos jornais, sabem os leitores, da enormíssima catástrofe sucedida em 21 de setembro último, na célebre fábrica da «Badische Anilin und Soda Fabrik», instalada na pequena cidade de Oppau, na margem esquerda do Reno. Às 7,30 h., deu-se a explosão, cujos estragos materiais na fábrica e num raio de mais de 30 quilómetros em volta, são avaliados em mais de um bilião de francos (200.000 contos, ao par); maiores porém, sem comparação, foram as perdas humanas — centenas de mortes e milhares de feridos. Coisa notável: no meio das ruínas da fábrica, ficaram de pé, intactas, duas grandes chaminés de cimento armado.

Na fábrica de Oppau, fundada em 1913, trabalhavam 4.000 operários e 350 químicos. A sua maior celebridade era o ter-se nela realizado, pela vez primeira, a síntese industrial do amoníaco por meio do azoto do ar, pelo processo Haber. Os Impérios Centrais, bloqueados por mar, teriam sucumbido em 1915, quando se lhes acabaram as reservas do nitrato do Chile, se não fora essa descoberta que lhes forneceu os compostos amoniacais necessários ao fabrico dos explosivos, e por essa forma puderam resistir até 1918. Como não era suficiente a fábrica de Oppau, os alemães, durante a guerra, fundaram outra de maior monta em Merseburgo, perto de Leipzig. A produção desta, em 1919, subia a 550 toneladas de compostos amoniacais por dia, ao passo que a de Oppau não ultrapassava 250. Depois da guerra, estas duas fábricas têm-se dedicado à produção de adubos azotados.